

APRESENTAÇÃO

Dossiê Infância e Relações Étnico-Raciais

O dossiê **Infância e Relações Étnico-Raciais** pretende discutir a relação, a intersecção entre infância e as relações étnico-raciais. O conceito de infância é complexo, é configurado e também disputado pelas várias correntes teóricas das ciências humanas. No interior de uma mesma vertente, se tomarmos, por exemplo, a sociologia da infância, a infância é formulada conceitualmente de maneira distinta. Para algumas vertentes, é uma estrutura social, para outras, um acontecimento singular, ou um dispositivo, uma ordem discursiva, etc. Ou seja, o conceito infância agrega uma carga de conhecimentos cujo esforço caminha no sentido de compreender as diversas crianças, as várias formas de viver como criança, de socializá-las e também de ser socializado por elas.

Há também os poetas que falam da infância ora de forma melancólica/triste/saudosa, ora como um momento pleno de alegria/lucidez/liberdade/pureza. De toda maneira, a infância configura-se como um período que passou e não se terá jamais para os adultos. Mía Couto, João Cabral de Melo Neto, por exemplo, em seus livros, descrevem cenas de enterros de crianças, como uma metáfora de uma sociedade sem ou que mata sua infância. Há outros que dizem que a infância não serve mais para entender as diversas crianças: as crianças soldados, as crianças trabalhadoras, as crianças drogadas, as crianças que matam, dizem que a infância é totalmente insuficiente como ferramenta analítica para entender essas crianças.

Este dossiê, contemplado em primeiro lugar no Concurso nº 001/2014 – FUNAPE/UFG/MEC/SECADI consagra um tema que durante muito tempo foi secundarizado nas pesquisas sociais

e nos financiamentos públicos de pesquisas: a criança (e) negra e a infância.

Neste dossiê, ao colocarmos no título a palavra Infância, no singular, pretendemos não voltar a dar a ela um caráter universal, ao contrário, ao colocar a infância e as relações étnico-raciais, pretendemos devolver ao conceito de infância o plural que ele carrega. É como dizer que não há como pensar e configurar a infância sem as relações étnico-raciais que a forjam. Ao tomarmos a palavra infância, compartilhamos com Paolo Virno (2012, p. 34), filósofo italiano e semiólogo, que afirma: “Não é concebível um pensamento crítico que não seja, também, em quaisquer de suas facetas, uma meditação sobre a infância”. Ele ainda nos coloca:

De Rousseau às comunas antiautoritárias de 1968, a atenção dos reformadores e revolucionários para com o ser humano principiante resultou em pedagogia. Isto é, na tentativa de colocar a formação da criança de acordo com o ideal de uma sociedade mais justa. Deste modo, menosprezou-se a autêntica questão: extrair da própria experiência infantil critérios e conceitos capazes de iluminar ulteriormente as relações sociais e de produção, mas também esboçar a crítica. Invertendo a perspectiva pedagógica, é da infância que é necessário esperar instruções. (Idem, *ibid.*)

A socialização, a educação, a história, a sociologia, a geografia, a constituição psíquica, a representação da criança, a cultura infantil, a discriminação, o racismo, a construção identitária das crianças (e) negras no Brasil e em alguns países do mundo são algumas das temáticas que este dossiê percorre.

Pesquisadoras e pesquisadores de todas as regiões do Brasil, de diversas universidades brasileiras e estrangeiras, estão reunidos neste dossiê no sentido de juntar forças para produzir uma sociedade na qual a diferença seja, como afirmado em artigo de Barbosa e Richter, deste dossiê, que cita Mia Couto (2011): a “magia de sermos nós, sendo outros”. Concepção que reafirma o

pensamento africano na qual “cada um é porque é os outros”. Ou, dito de outro modo: “eu sou todos os outros”.

Esta é uma produção coletiva que arrisca desmanchar conceitos arraigados na área da educação e reafirma a responsabilidade ética diante da escola, das crianças e da infância, a cada momento e a cada instante, pois, como diz Antonio Negri (2001): “Cada um é responsável pela sua singularidade, pelo seu presente e pela intensidade de vida, pela crianceria (nós acrescentaríamos), juventude e pela velhice que investe”.

Silvério, em artigo deste dossiê, erige uma hipótese de que vivemos a passagem de uma nação cuja diversidade que estava colocada no centro da identidade brasileira, “tem sido lida como ausência de relações profundamente conflituosas entre as raças durante e após a escravidão, principalmente, na leitura freyriana”; para uma sociedade que busca reconhecer identidades étnicas e raciais distintas e que foram apagadas na formação social brasileira. Aqui também é pela/com/a partir da infância que devemos começar a construir a diferença das e nas relações étnico-raciais como paisagem central na reconfiguração nacional.

Este dossiê vem acompanhado de uma carta ao leitor, escrita pela pesquisadora da infância Ana Lúcia Goulart de Faria, a convite da editoria da revista, e é formado por quatorze artigos reunidos sobre o amplo espectro temático das crianças, infâncias e relações étnico-raciais. Há um artigo inédito da pesquisadora Véronique Francis, sobre a representação da criança negra nos livros infanto-juvenis franceses. Temos quatro ensaios, um debate, um relato de experiência e uma reprodução de parte de entrevista com a Prof. Joice King sobre as escolas para crianças e jovens nos EUA e os *black studies*.

A REVEDUC vem fazendo esforço há oito anos para se colocar como uma opção de revista científica no cenário qualificado das revistas científicas em Educação e agradece o reconhecimento

obtido por este concurso promovido pela FUNAPE em convênio firmado com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) do Ministério da Educação (MEC), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Fundação de Apoio a Pesquisa (FUNAPE), em parceria com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

Boa Leitura!

Anete Abramowicz
Editora

Referências

NEGRI, Antonio. **Exílio**. Seguido de amor e afeto. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

VIRNO, Paolo. Infância e pensamento crítico. **Imprópria**. Política e pensamento crítico, n. 2, 2012.